

CEGUEIRA BRANCA: UM EXCESSO DE LUZ¹

Há alguns anos, quando vim a primeira vez ao Brasil, contei uma pequena história que gostava, se me permitem, de recordar. Certo dia, ao saber que eu vinha, um amigo por quem nutro grande estima e admiração deu-me o seguinte conselho: «Meu caro, se queres ser entendido pelos brasileiros – e repito exatamente como ouvi da sua boca – tens de falar devagar e abrir as vogais.»

Procurei seguir à letra o conselho deste meu querido amigo e, ano após ano, fiz um enorme esforço, embora nem sempre conseguido, para falar devagar e abrir as vogais. O que eu não disse, na altura, é que este amigo era cego. Nem de propósito! Será que desta vez ele tinha algo a aconselhar-me sobre a leitura de José Saramago e, em particular, o *Ensaio sobre a Cegueira*?²

Dirigi-me a ele cheio de esperança. Mas talvez a parte engraçada da história comece aqui. Na verdade, parece-me às vezes que é mais fácil entender-me com os brasileiros, desde que fale devagar e abra as vogais, do que com este meu amigo sobre José Saramago. Porquê? É simples: fazemos leituras diferentes da obra. Ele chega a dizer, inclusive, porque faz uma leitura mais literal, que José Saramago prestou um mau serviço aos cegos, ao encarar a cegueira sobretudo como uma «uma terrível desgraça», tal como se pode efetivamente ler no primeiro capítulo do romance.³

De certa forma, eu entendo-o. Não há muitas pessoas, pelo menos eu não conheço, tão pouco dadas ao lamento da sorte ou ao culto da desgraça como este meu amigo, cujo vigor desejanter é raro. Em vez de uma desgraça que lhe coube, ele encara a cegueira de um modo tão positivo que facilmente nos esquecemos de que é cego.

Pois bem, imaginem, recentemente dei comigo a pensar no seguinte: e se ele afinal estivesse certo e eu errado? E em vez de lamentar o seu equívoco, fosse preciso invejá-lo, invejar os cegos, como dizia Lacan a 18 de novembro de 1975?⁴

Cegos ou não, todos aqueles cuja atividade implica o contacto regular com menores (estão neste caso professores, mas também inúmeros profissionais ligados direta ou indiretamente ao ensino em Portugal) passaram a estar obrigados por lei, desde há algum tempo, à apresentação anual do Certificado de Registo Criminal à respetiva entidade empregadora.

¹ Intervenção efetuado no âmbito das Jornadas de Direito e Psicanálise (UFPR, 20 maio 2016) e publicada in *Direito e Psicanálise – Interseções e Interloquções a partir de “Ensaio sobre a cegueira” de Saramago*. Rio de Janeiro, Editora Lumen Juris, 2017, p. 85-93.

² SARAMAGO, J., *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Caminho, 1995.

³ SARAMAGO, J., op. cit., p. 15.

⁴ Jacques Lacan (1975-1976), *Le Séminaire*, Livre XXIII, *Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005, 18.

A leitura mais óbvia e imediata é a que vê na referida obrigação uma nova fonte de receita para o Estado, visto acarretar um pagamento anual por parte de um número considerável de pessoas cada vez que é solicitado por elas o respetivo Registo Criminal nos serviços competentes. Todavia, mesmo desconfiando da intenção que parasita a medida, quase ninguém discute ou põe em causa o seu fundamento. Ela visa, com efeito, cumprir uma diretiva emanada do Parlamento Europeu, de 13 de dezembro de 2011, criando o sistema de registo de identificação criminal de condenados pela prática de crimes contra a autodeterminação sexual e a liberdade sexual de menores, o que implicou uma alteração, em 2015, ao Código Penal.

Estando em causa proteger o interesse dos menores, nada mais razoável e politicamente correto do que louvar o empenho de todos na efetivação de uma tal diretiva. Ainda assim, não seria possível uma outra leitura, menos circunstancial, digamos, e mais paradigmática? Estaremos nós confrontados apenas com uma singularidade local, portuguesa e europeia, ou será de outra coisa ainda que se trata?

Se todos aqueles que lidam com menores passaram a ter obrigatoriamente de apresentar o respetivo Registo Criminal não será porque entrámos, como diz o psicanalista francês Gérard Wajcman, na era da suspeita generalizada?⁵ Não tanto a suspeita de termos cometido um crime, mas de podermos cometê-lo, sendo por isso encarados doravante como inocentes provisórios, delinquentes em potência.⁶ Daí que tenhamos de provar, com uma certa regularidade, que o nosso registo continua limpo. Provisoriamente. Até ver.

O filme de Stéphane Brizé, *A lei do mercado*, dá-nos um bom exemplo, embora num outro contexto, disso mesmo. Thierry, recentemente selecionado para trabalhar num supermercado após quase dois anos no desemprego, tem como função vigiar não só os clientes, mas, em particular, as colegas das caixas, pois, como se diz no filme, o ladrão não tem idade, sexo ou raça, sendo todos, nessa medida, ladrões potenciais.⁷

Na sociedade globalizada em que vivemos, praticamente deixou de haver exterior. Não havendo exterior, o inimigo não está lá fora, mas cá dentro. Somos todos inimigos uns dos outros. Inimigos potenciais.⁸ Daí à instauração de um clima securitário não vai uma grande distância. Cada vez mais facilmente aceitamos perder liberdade em nome da segurança.

Os recentes atentados no coração Europa, Paris e Bruxelas, vieram reforçar ainda mais o clima de desconfiança generalizada. O inimigo não só está entre nós, como nasce e vive entre nós. Por isso, a suspeita não recai apenas sobre o terrorista, por exemplo, mas sobre qualquer um. Todos

⁵ Cf. WAJCMAN, G., *L'oeil absolu*. Paris: Éditions Denoël, 2010, p. 115.

⁶ Cf. WAJCMAN, G., op. cit., p. 89.

⁷ BRIZÉ, S., *A lei do mercado* (La loi du Marché). 2015. Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vzLXEXG3RyU>.

⁸ WAJCMAN, G., op. cit., p. 100.

sujeitos-supostos-suspeitos.⁹ Em vez da presunção de inocência, até prova em contrário, somos desde logo presumidos culpados, criminosos em potência. Daí que seja necessário não apenas punir, quando é o caso, ou mesmo vigiar e punir, como dizia Foucault, mas vigiar e prevenir.¹⁰ A prevenção é a nova palavra de ordem.

Uma das acusações dirigidas, por exemplo, aos serviços de segurança europeus, aquando dos recentes atentados terroristas, consistiu em dizer que eles não conseguiram prevê-los. E é certo que houve e há inúmeras falhas, até na partilha de informações entre os diversos países, mas a minha pergunta é outra: será que alguma vez se conseguirá prever tudo, a não ser acreditando na existência de um «olho absoluto», um olho que tudo prevê, que tudo antecipa? E haveria razão para ficar mais tranquilo perante uma tal possibilidade? Que mundo seria esse, afinal? Não é, como diz algures Ernst Jünger, quando nada se encontra escondido que o problema se torna ainda mais inquietante?¹¹

Talvez a questão chegue um pouco tarde. Na verdade, já entrámos nesse mundo, embora contínuemos cegos, como diria Saramago, para o que está à vista. Tal como a *carta roubada* de E. A. Poe, a que Lacan dedicou um seminário, que permanece invisível, não porque esteja escondida, mas porque está à vista.¹² E tudo hoje deve ser inteiramente visível: estar à vista de todos. De uma cultura do segredo, da sombra, passámos a uma época em que domina a luz em toda a sua plenitude. Ver tudo e tudo dar a ver. Entrámos na era do olho universal, do olho absoluto.¹³

Razão tinha Óscar Niemeyer ao conceber como um olho o museu que tem o seu nome, aqui mesmo em Curitiba, e que eu tive a grata oportunidade de visitar algumas vezes. O artista antecede o psicanalista.¹⁴ Óscar Niemeyer, com a sua arte, antecipava em 2002, data da inauguração do museu, salvo erro, o mundo tal como nós o conhecemos hoje: dominado pelo grande olho.

Ninguém pode subtrair-se a ele. Já não há um único espaço na terra onde um homem possa esconder-se. Por isso, a questão mudou. Não se trata de saber onde e como esconder-me ou como não ser visto, mas antes: de quanto tempo disponho antes que tal aconteça.¹⁵ Ou, como escreve Saramago no *Ensaio sobre a Lucidez*, invisíveis aos olhares, câmaras de vídeo de alta definição e microfones de última geração, capazes de transferir para um quadro gráfico as emoções, fazem com que já ninguém possa estar seguro.¹⁶

⁹ Cf. WAJCMAN, G., op. cit., p. 117.

¹⁰ Cf. WAJCMAN, G., op. cit., p. 105.

¹¹ Cf. JÜNGER, E., *O Problema de Aladino*. Lisboa: Edições Cotovia, 1989, p. 10.

¹² Cf. LACAN, J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 13-66.

¹³ Cf. WAJCMAN, G., op. cit., p. 19.

¹⁴ Cf. LACAN, J., «Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein», *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 200.

¹⁵ Cf. WAJCMAN, G., op. cit., p. 178.

¹⁶ Cf. SARAMAGO, J., *Ensaio sobre a lucidez*. Lisboa: Caminho, 2004, p. 31.

Faltou porventura dizer que tais câmaras já não são invisíveis aos olhos, mostram-se por todo o lado, muitas vezes acompanhadas de um texto que diz: «para vossa segurança», ou nos bolsos e nas mãos de cada um de nós. O grande olho abandonou a torre central de Bentham, de onde via sem ser visto, para multiplicar-se, disseminar-se, deslocar-se. Como Argos, um animal com inúmeros olhos. O mundo tornou-se, como dizia Lacan em 1964, «omnivoyeur».¹⁷

Neste regime do olhar, facilmente caímos numa civilização perversa, quando não paranoica, «Não há zona de sombra. Nenhuma obscuridade, nenhum ponto vago, nenhuma dúvida. Tudo é claro. (...) Uma loucura de tudo ver.»¹⁸ Ou, como se diz e repete no *Ensaio sobre a cegueira*, as luzes manter-se-ão sempre acesas e é inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores porque não funcionam.¹⁹

Como chegámos até aqui?

Recentemente, tive a oportunidade de ver o aclamado filme de Tom McCarthy, *Spotlight*, sobre a investigação que uma equipa do jornal *The Boston Globe* realizou em torno de uma série de abusos sexuais de menores levados a cabo por membros da arquidiocese católica de Boston. Independentemente do valor intrínseco do filme ou do seu contributo para denunciar tais abusos, saí do cinema com uma pergunta: não serão os jornalistas, o jornalismo, a *media*, uma espécie de novo holofote ou projetor lançando luz sobre as trevas do mundo?

O título do filme, *spotlight*, igualmente o nome da equipa que realizou a investigação, fala por si. Trata-se de fazer emergir ou iluminar o que está na sombra. É um projeto, como sabemos, que vem de Platão e da sua Alegoria da Caverna: como arrancar o homem branco da cegueira que lhe afeta a visão? Talvez seja esta uma possível leitura da «cegueira branca» de que fala Saramago: a cegueira do homem branco, isto é, do ocidente, da civilização ocidental.

Ninguém melhor do que o escritor japonês Tanizaki descreveu a atração dos ocidentais pela luz: «Sempre em busca de uma claridade mais viva, afadigaram-se, passando da vela ao candeeiro, do petróleo ao bico de gás, do gás à iluminação elétrica, para cercar o menor recanto, o último refúgio da sombra.»²⁰ Não é, por isso, de estranhar que o livro de Tanizaki se chame, precisamente, «elogio da sombra».

Embora escrito em 1933, há quase um século, este livro não perdeu nenhuma da sua atualidade. O sonho de Platão realiza-se um pouco mais a cada dia que passa. Por todos os lados, a sombra

¹⁷ Cf. LACAN, J. *Le Séminaire*, Livre XI, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1990, p. 88.

¹⁸ Cf. WAJCMAN, G., op. cit., p. 77.

¹⁹ SARAMAGO, J., op. cit., p. 50.

²⁰ TANIZAKI, J., *Elogio da sombra*. Lisboa: Relógio D'Água, 2005, p. 65.

é o inimigo a abater. Exemplos não faltam: *Spotlight*, *Wikileaks*, *Cadernos Negros* de Heidegger, *Panama Papers*: nada escapa. E tudo por razões difíceis de contestar. Razões louváveis, sem dúvida. É o triunfo da razão sobre as trevas, a obscuridade. A transparência a dominar finalmente a opacidade do mundo, dos homens e das instituições. Numa expressão feliz, Gérard Wajcman dizia, em 2010, que passámos «do estádio do espelho ao estádio da transparência».²¹ E não será preferível uma sociedade transparente a uma sociedade obscura? Quem, no legítimo uso da sua razão, contestaria tal coisa?

Ainda assim, eu pergunto: e se houvesse, não obstante, no coração da própria razão, da razão ou razões que invocamos, todas elas bem-intencionadas, um ponto de cegueira: opaco, sombrio? Talvez o lamento que já se ouve, por vezes, relativamente às fugas informação que deveriam manter-se sigilosas, à mediatização das mesmas, à divulgação de escutas através de órgãos ou canais de comunicação, às tentativas de furar protocolos de segurança de empresas de *software*, invocando o combate ao terrorismo, enfim, tudo em nome da transparência e do bem comum, nos dê uma preciosa indicação.

No limite, deixou de haver limites. «O pensamento que ordena o ideal do Tudo Visível e funda a tirania da transparência é que não há nenhum limite ao olhar».²² Eis uma fantasia perigosa, mas também uma contradição. É a própria luz a projetar aqui uma sombra.²³ E como diz José Saramago no romance *A Caverna*, «saberíamos muito das complexidades da vida se nos aplicássemos a estudar com afinco as suas contradições.»²⁴

Contudo, numa primeira leitura, a obra de Saramago parece mergulhar por completo nesta *metáfora da luz*. É outra forma, se me permitem, de nomear a Alegoria da Caverna, de Platão, onde está em causa libertar o homem da sombra, arrastando-o para a luz. Se bem que a metáfora tenha sofrido, ao longo do tempo, inúmeros deslocamentos, é como se ela permanecesse fundamentalmente a mesma. E Saramago, sem dúvida, até pelos títulos que deu a alguns dos seus livros – a caverna, a cegueira, a lucidez – não faria mais do que dar continuidade ao projeto platónico. Talvez por isso ele dizia, em 1998, ter uma «necessidade de ver mais e mais e mais», uma «obsessão da claridade».²⁵

²¹ WAJCMAN, G., op. cit., p. 24.

²² WAJCMAN, G., op. cit., p. 305.

²³ Cf. LACAN, J., *Le Séminaire*, Livre XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 134.

²⁴ SARAMAGO, J., *A Caverna*. Lisboa: Caminho, 2000, p. 26.

²⁵ REIS, C., *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 125-126.

Ainda assim, importa desconfiar das primeiras leituras. O conselho está lá desde o início para nos advertir: «Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.»²⁶ Reparar é não só olhar com atenção, mas também parar uma segunda vez sobre a mesma coisa. Neste caso, ler uma segunda vez. Deparar-se com a natureza singular desta cegueira «branca», «tão luminosa, tão total»²⁷, que até parece que «é a luz que não os deixa ver».²⁸

Em 2001, no documentário dirigido por João Jardim e Walter Carvalho, *A janela da Alma*,²⁹ Saramago, um dos intervenientes, pede que imaginemos o que aconteceria se tivéssemos os olhos de uma águia ou de um falcão. Nesse caso, a nossa possibilidade de ver, nem de menos nem de mais, seria claramente afetada. O Romeu da história, por exemplo, se tivesse olhos de falcão, dificilmente se apaixonaria por Julieta, pois os seus olhos veriam uma pele que provavelmente não seria agradável de ver. A acuidade visual do falcão impediria Romeu de ver a pele humana tal como nós a vemos.

Não será esta, precisamente, a verdadeira natureza da «cegueira branca»? Não uma cegueira por defeito, mas por excesso? Um excesso de acuidade visual, como a do falcão, mas também um excesso de imagens, de luz, como é o nosso caso, confrontados com um novo regime de impossível: impossível deixar de ver?³⁰

Nós vivemos, como diz Saramago, numa espécie de *Luna Park* audiovisual onde os sons e as imagens se multiplicam e onde nós vamos sentir-nos cada vez mais perdidos. É esta, segundo ele, a verdadeira Caverna de Platão. Foi preciso decorrerem todos estes séculos para que ela finalmente se materializasse num momento da história da humanidade que é o nosso. O momento da hipervisibilidade, do «apocalipse do visível», para usar uma expressão de Wajcman.³¹

Wim Wenders, o famoso diretor de cinema que intervém igualmente no documentário de João Jardim e Walter Carvalho, conta, aliás, numa das suas intervenções, um interessante pormenor autobiográfico. Por volta dos seus trinta anos, embora usando lentes, andava constantemente à procura dos óculos. A razão, segundo ele, era a falta de enquadramento, de focagem, como se visse demasiado sem a moldura (frame) que os óculos lhe proporcionavam. Não é isso a que estamos condenados todos nós: a ver sem moldura?

Há hoje demasiada informação, demasiadas imagens. De tal modo que deixamos de ver, pelo menos de prestar atenção, de reparar no que vemos. Podemos ver, é certo, mas já não reparamos. Quanto maior é o ruído «visual», maior a cegueira. O excesso de visibilidade produz em

²⁶ SARAMAGO, J., op. cit., p. 9.

²⁷ SARAMAGO, J., op. cit., p. 16.

²⁸ SARAMAGO, J., op. cit., p. 260.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s> (Consultado em: 24-04-2016).

³⁰ Cf. WAJCMAN, G., op. cit., p. 210.

³¹ WAJCMAN, G., op. cit., p. 21.

nós uma «cegueira branca». Como alguém desabafava recentemente, após um dia saturado de imagens e informações diversas, como sempre acontece nas redes sociais, também elas parte do novo espetáculo luminoso do mundo: «já não vejo nada, nem entendo nada». É isso: uma cegueira de olhos abertos. Ou, como se diz no *Ensaio sobre a cegueira*, «já éramos cegos no momento em que cegámos».³²

Por isso, não se trata apenas de saber o que aconteceria se ficassemos cegos de um instante para o outro, como explica Saramago numa conferência pronunciada em Turim, «A estátua e a pedra», mas de fazer notar a nossa condição. «O autor crê que já estamos cegos com os olhos que temos, que não é necessária nenhuma epidemia de cegueira (...). Talvez os nossos olhos vejam, mas a nossa razão está cega.»³³

Saramago repete a mesma ideia quase a finalizar o romance: «Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.»³⁴ Já no primeiro capítulo, aliás, para falar da natureza peculiar da cegueira branca, ele escrevera: «...ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis.»³⁵

Estamos, assim, perante um romance genuinamente contemporâneo, no sentido que Giorgio Agamben dá a esta palavra: «só pode dizer-se contemporâneo – escreve o autor – quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue apreender nelas a parte da sombra, a sua obscuridade íntima.»³⁶

Talvez seja esta, porventura, a única lucidez que nos resta: não se deixar ofuscar pelo brilho das imagens, a «orgia de luz», como tão bem escreveu Tanizaki³⁷, que de todos os lados nos convoca e agita, pois, atravessada a pele visível das coisas, e passando para o lado de dentro delas, há uma fulgurante e irremediável cegueira.³⁸ É este «ponto cego no coração da subjetividade», como diz o psicanalista brasileiro Marcus André Vieira, que todas as visões, pre-visões ou mesmo pre-venções tendem a escamotear.

Por isso, concluo, dizendo: uma psicanálise não visa pôr tudo a nu nem trazer tudo à luz, mas antes permitir a este corpo que fala e é falado, isto é, a cada um de nós, a experiência de um

³² SARAMAGO, J., op. cit., p. 131.

³³ SARAMAGO, J., *A estátua e a pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2013, p. 34.

³⁴ SARAMAGO, J., *Ensaio sobre a cegueira*, op. cit., p. 310.

³⁵ SARAMAGO, J., op. cit., p. 16.

³⁶ AGAMBEN, G., «O que é o contemporâneo», *Nudez*. Lisboa: Relógio D'Água, 2010, p. 23.

³⁷ Cf. TANIZAKI, *Elogio da sombra*, op. cit., p. 71.

³⁸ SARAMAGO, J., *Ensaio sobre a cegueira*, op. cit., p. 65.

opaco no mais intimamente estranho de si mesmo. Ou, como diria Mallarmé, «um obscuro no coração do sujeito».³⁹ Talvez uma tal experiência, lançando alguma luz sobre o ponto cego que nos habita, faculte, a quem possa e queira embarcar nela, uma certa margem de liberdade perante as luzes do século.

³⁹ Cf. MILLER, J.-A., «La logique et l'oracle», *La Cause du désir*, n° 90. Paris: Navarin Éditeur, 2015, p. 137.